

## A LINGUAGEM — SUA FUNÇÃO E USOS

Prof. José Marcelino Poersch

### APRESENTAÇÃO

Seria totalmente óbvio pretender fazer uma distinção inicial entre linguagem, lato sensu — qualquer tipo de comunicação — e linguagem, stricto sensu — objeto da ciência lingüística. Desenvolveremos o presente artigo com o objetivo de conceituar e delimitar a linguagem dentro desta segunda acepção. Após uma análise sucinta da essência da linguagem em termos lingüísticos, sua importância e enquadramento na teoria da comunicação, procuraremos tecer algumas considerações sobre a impropriedade do uso do termo **Funções da linguagem** para aquilo que não passa de usos ou propriedades intrínsecas da mesma. Chamaremos, portanto, a atenção sobre a distinção entre função, propriedades e usos. Pretendemos concluir que a função única da linguagem, baseados em sua essência tanto genética quanto teleológica, é a comunicação. Acharíamos mais conveniente rotular outras funções, citadas como tais por inúmeros autores, de propriedades ou usos.

### COLOCAÇÕES PRELIMINARES

Martinet afirma que "a linguagem designa propriamente a faculdade de que os homens dispõem para se compreenderem por meio de signos vocais" (Martinet, 1971, pág. 4). Desta definição infera-se ser a linguagem um fato social no seu princípio e no seu uso principal. Martinet afirma ser a linguagem uma faculdade. Analisemos a termo faculdade. Faculdade quer dizer capacidade, poder de efetuar uma ação física ou mental. Ora, a linguagem não é nenhum poder de efetuar uma ação. É uma ação. O que se constitui numa faculdade não é propriamente a linguagem, mas sim, o exercício efetivo desta atividade. Linguagem é uma **atividade humana**. Uma atividade psicofísica de comunicação humana através de signos orais e articulados.

O fato de a linguagem humana constituir-se num processo psicofísico, tanto da parte do remetente quanto da parte do destinatário, distingue-a da linguagem animal: esta se resume numa atividade fisiológica de estímulo e resposta, tendo por base a inteligência puramente dócil — usando uma classificação do médico espanhol Juan Huarte. Existe, porém um outro tipo de inteligência — a inteligência normal — que preside os atos voluntários e é essencialmente criadora. "A distinção entre inteligência dócil, que satisfaz à máxima empirista, e a inteligência normal, com sua capacidade de abstração e seu pleno poder gerador, constitui-se na distinção entre animal e homem. Huarte afirma que se os animais raciocinassem seriam capazes de verdadeira fala, com sua infinita variedade" (Chomsky, 1971, pág. 24). Herculano de Carvalho acrescenta que "os atos de comportamento animal a que se dá o nome de **linguagem** estão sujeitos ao mais apertado e restrito condicionamento físico, determinados no emissor pela sua estrutura biológica interna e vindo a determinar no receptor uma reação da mesma natureza, portanto, meramente física e imediata" (Carvalho, 1970, pág. 89). O aspecto criador da linguagem — livre do controle de estímulos — decorre da dupla articulação a qual, por sua vez, pressupõe uma inteligência normal. O homem pode expressar o mesmo pensamento de múltiplas maneiras. Já o papagaio, com condições de repetir verdadeiras frases, jamais será capaz de recriar o que repetiu.

A linguagem é articulada pelo fato de basear-se num conjunto de elementos que se estruturam e se combinam sob as formas mais diversas, sempre observando, é lógico, regras gerais. Para que exista linguagem, devem existir signos. Signo é "algo que, sob certo aspecto ou de alguma forma, representa alguma coisa para alguém" (Peirce, 1972, pág. 94).<sup>1</sup> Disto decorre o fato da linguagem ser representativa. A representatividade, portanto, é um elemento essencial; e ela se utiliza de um sistema de signos articulados. Além de articulados, são signos vocais. Portanto, só podemos falar de linguagem escrita num lato sensu, mas não num sentido lingüístico. A "linguagem escrita" resulta da transferência da fala para um meio secundário, visual" (Lyons, 1973, pág. 20). A linguagem escrita não é uma linguagem stricto sensu. Representa a fala. Não são signos vocais.

Martinet afirma que "somos levados a situar a linguagem entre as instituições humanas" (Martinet, 1971, pág. 5) e mais adian-

1 Na acepção de Peirce, todo o signo se estrutura numa relação triádica: signo, referente, referência (pensamento). É na referência que o signo é relacionado com o referente, visto não possuírem vínculo natural, direto entre si.

te diz ser "essencialmente um instrumento de comunicação" (Martinet, 1971, pág. 5). Fazemos uma pequena pausa e teçamos alguns comentários sobre linguagem e comunicação. Linguagem é um tipo de comunicação. Não é o único tipo de comunicação, mas o principal, o mais importante, o mais completo e o mais sofisticado. É o único tipo de comunicação lingüística. Não consideraremos, portanto, a linguagem como o principal instrumento, mas como o principal tipo. Assim nos expressamos porque distinguimos, "no conjunto heteróclito da linguagem", um sistema que subjaz e serve de instrumento ao processo."

Por sistema da linguagem entendemos o complexo de instrumentos que possibilitam a atividade da linguagem. Enumeremos os seguintes elementos deste sistema instrumental: o código — integrado por um conjunto de signos e regras combinatórias —, o aparelho fonador, o canal — por onde transitam as ondas sonoras produzidas pelas emissões vocais — e o aparelho auditivo.

O processo da linguagem — a comunicação lingüística — se desenvolve em cinco momentos: 1. codificação — processo mental que consiste na estruturação da mensagem; 2. emissão vocal — processo fisiológico de manifestação ou exteriorização vocal; 3. transmissão — processo essencialmente físico que liga o emissor ao receptor; 4. recepção auditiva — processo fisiológico de captação do som; 5. decodificação — processo psíquico de reconstrução da mensagem.

Para Saussure, o momento um e dois constituem o ato da fala que "é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor" (Saussure, 1971, pág. 21). E em outra passagem: "na fala convém distinguir: 1.º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2.º, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações" (Saussure, 1971, pág. 22).

Porém, como a linguagem é um fato social, "impõe-se sair do ato individual que não é senão o embrião da linguagem" (Saussure, 1971, pág. 21). Disto facilmente deduziremos que o ato da fala não constitui a linguagem; é somente um momento da mesma. E Saussure insiste neste aspecto. "Quando ouvimos falar em uma língua desconhecida, percebemos bem os sons, mas devido a nossa incompreensão, ficamos alheios ao fato social" (Saussure, 1971, pág. 21). Neste caso faltou o último momento — decodificação — sem o qual a comunicação não se estabelece; não existe linguagem.

Insistimos, portanto, em que a linguagem não é um instrumento de comunicação, ela é comunicação; é comunicação lingüística. O instrumento da comunicação lingüística é todo o sistema de elementos que subjaz ao processo da linguagem.

Estas colocações preliminares nos permitem uma análise detalhada da função, usos e propriedades da linguagem. A idéia central que nos deve acompanhar nestas reflexões é que a linguagem constitui um fato social. Como fato social, não pode ser reduzido a um ato individual; haveria uma contradição. Baseados neste raciocínio, delimitamos e restringimos sensivelmente o conceito de linguagem; muitos empregos populares deste termo se afastam dos pressupostos acima colocados. Toda a vez que um dos elementos ou um dos momentos do processo comunicativo for posto de lado, deixaremos de ter linguagem numa acepção estritamente lingüística.

Abordando o assunto das funções, gostaríamos de fazer uma distinção inicial entre função, uso e propriedade. Por função, em se tratando de uma atividade humana, sempre entendemos uma ação peculiar a qualquer órgão, uma ação natural e característica de qualquer faculdade mental. O uso de uma faculdade significa a sua aplicação direta ou indireta para a consecução de algum objetivo que lhe não é essencial. Finalmente, por propriedade entendemos uma característica interna, um elemento essencial.

Função de uma atividade é a razão última de sua existência. A função da linguagem jamais pode vir dissociada do esquema da comunicação. Como já vimos, a linguagem constitui-se num fato social; nasceu da necessidade que o homem tinha de se comunicar; existe em função da sociedade. Disto deduzimos que a função da linguagem não pode centrar-se num ou noutro elemento da comunicação; nem tanto no remetente — função expressiva — nem tanto no destinatário — função apelativa. A linguagem sendo genética e teleologicamente social, sua função precípua e essencial é a comunicação. Só falamos em função comunicativa; a linguagem existe como exigência da própria necessidade de comunicação.

Esta colocação não significa que a linguagem sirva exclusivamente a esta finalidade. Ela pode ter diversos outros usos ou empregos, segundo centramos a comunicação sobre algum dos elementos do processo comunicativo. A função primordial dos pés e pernas é apoiar o corpo e caminhar. No entanto, os pés podem ser utilizados para chutar uma bola, ~~chutar um pé e sapatos~~, dar pontapés, funcionar numa bateria de instrumentos, acionar a embreagem, trava e gasolina de um carro, movimentar os foles de um harmônio. Nem por isso alguém afirmará que a função dos pés é chutar uma bola; que os pés existem para dançar. Isto constitui um uso, um emprego dos pés? não, uma função. Ilustração parecida podemos dar com as mãos. A finalidade precípua das mãos é agarrar, segurar, puxar, empurrar. Podem, entretanto, ser utilizadas para acariciar, bater palmas, dar tapas, tocar piano, escrever, bater à máquina, vestir luvas. Nem por isso dir-se-á que a função

das mãos é escrever ou pintar. Assim como o caminhar e o agarrar constituem uma atividade cujo exercício se constitui numa capacidade, assim também a linguagem. A linguagem não é uma capacidade; é uma atividade cujo exercício efetivo se transforma numa faculdade.

A respeito da função expressiva, citada por Bühler e descrita por Martinet — “muitas vezes o homem se serve da linguagem para se exprimir, ou seja, analisar o que sente, sem se preocupar grandemente com as reações de eventuais ouvintes” (Martinet, 1971, pág. 6) — nos limites de nossas colocações, não tem lugar e, até mais do que isso, constituir-se-ia numa flagrante contradição. A expressividade, sem finalidade alguma com o destinatário, nem chega a ser linguagem. A expressividade pode ser considerada como um uso ou emprego que centre os objetivos da comunicação sobre o remetente, segundo colocação de Roman Jakobson. As interjeições e as exclamações — não enquadradas nas relações sintagmáticas — também não podem ser consideradas como linguagem. Nada mais são do que reações instintivas — estímulo e resposta — satisfazendo às exigências da inteligência dócil. Não são “atos finalísticos e intencionais que o indivíduo realiza como ser dotado de consciência e de vontade livre” (Carvalho, 1971, pág. 89).

Bühler também cita a função apelativa que decorre do fato de o emissor dirigir-se obrigatoriamente a outra pessoa, atuando sobre ela. Mattoso a denomina de “atuação social, por meio da qual atuam sobre o próximo na vida social” (Câmara, 1964, pág. 17). Jakobson, utilizando o esquema comunicativo, denomina-o de função conativa — “a linguagem se orienta para o destinatário; encontra sua expressão gramatical mais pura no vocativo e no imperativo” (Jakobson, 1970, pág. 125).<sup>1</sup> A terminologia é bem variada embora o fato descrito pareça convergir para a função comunicativa, descrita por Martinet: “Em última análise, é realmente na comunicação, isto é, na compreensão mútua, que se tem de reconhecer a função central do instrumento que é a língua” (Martinet, 1971, pág. 7).

A função poética da comunicação verbal consistiria, segundo Jakobson, num pendor para a mensagem como tal, o enfoque da mensagem por ela própria” (Jakobson, 1970, pág. 127). Corresponde, aproximadamente, à função estética, de acordo com Martinet. Mais uma vez, a poeticidade da comunicação não representa uma função mas uma utilização casual para a colimação de fins específicos.

<sup>1</sup> Tratamento semelhante poderíamos dar para a função reportativa, apresentada por Leonor Cabral.

A função representativa, assim cunhada por Bühler e denominada de referencial por Jakobson — todo o signo representa alguma coisa para o remetente e o destinatário — tampouco pode ser considerada como função, visto ser uma característica essencial da natureza da linguagem. A representatividade não é uma função, é uma mera qualidade intrínseca, uma propriedade; é através dela que a comunicação se torna possível.

A linguagem é o suporte do pensamento. É uma maneira figurada de expressão. É lógico e constitui-se num postulado pacificamente aceito pelos filósofos de que não podemos organizar o nosso pensamento fora da linguagem. “Não se pode pensar o que não se pode dizer” (Wittgenstein, 1968, pág. 68). O raciocínio, o pensamento, são atividades mentais que se utilizam da linguagem; diria melhor, de parte da linguagem. O instrumento de trabalho da mente humana, ao raciocinar, é a linguagem. A linguagem é o instrumento do pensamento. O raciocinar não é linguagem. A parte da linguagem que o raciocínio emprega é o código e a estruturação da mensagem, nada mais. Dizer que eu penso com a linguagem está incorreto; é uma apropriação indébita do termo. Só pode ser aceito num sentido figurativo.

## CONCLUSÃO

Alicerçados sobre os pressupostos de que:

1. a linguagem — devidamente conceituada e delimitada — é uma atividade psicofísica de comunicação humana através de signos orais e articulados;
2. a linguagem é um fato social e é, em sua natureza, tanto do ponto de vista genético quanto teleológico, essencialmente comunicativa;
3. a linguagem é um tipo de comunicação e, como tal, composta de um processo individual ao qual subjaz um sistema coletivo;
4. O processo da linguagem se desenvolve em cinco momentos: codificação, emissão vocal, transmissão, recepção auditiva e decodificação;
5. o sistema da linguagem está integrado por um código, um aparelho fonador, um canal e ondas sonoras e um aparelho auditivo;

Postulamos as seguintes colocações;

1. a função única e existencial da linguagem é a comunicação; ao mesmo tempo constitui-se no emprego central do instrumento que é a língua;

2. as assim denominadas funções expressiva, poética e apelativa devem ser consideradas usos diversos da linguagem segundo enfocamos com mais insistência, durante a comunicação, respectivamente o remetente ou a mensagem ou o destinatário para a colimação de certos objetivos específicos;

3. a função representativa deve ser encarada como um elemento essencial e não como uma função e, menos ainda, como um objetivo;

4. a expressão — a linguagem é o suporte do pensamento — não passa de uma maneira popular de conceituar linguagem; na realidade somente uma parte dela serve de suporte ao pensamento.

#### BIBLIOGRAFIA

- BÜHLER, Karl. *Teoria del lenguaje sprachtheorie*. 3.<sup>a</sup> ed. Madrid, Revista de Occidente, 1967. Iena, 1934.
- CÂMARA, J. Mattoso Jr. *Princípios de lingüística geral*. 4.<sup>a</sup> ed. Acadêmica, Rio, 1964.
- CARROL, John B. *O estudo da linguagem / The Study of Language /*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- CARVALHO, José G. Herculano. *Teoria da linguagem*. Tomo I. Colmbra, Atlântida, 1970.
- CHERRY, Collin. *A comunicação humana / on human communication /*. São Paulo, Cultrix, 1971.
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e pensamento / Language and Mind /*. Petrópolis, Vozes, 1971.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. 3.<sup>a</sup> ed. Cultrix, São Paulo, 1970.
- LYONS, John. *As idéias de Chomsky / Chomsky /*. São Paulo, Cultrix, 1973.
- MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral*. 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa, Sá da Costa, 1971.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e filosofia*. São Paulo, Cultrix, 1972.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral / Cours de linguistique générale /*. 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Cultrix, 1971.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo, Nacional, 1968.